

INTERLOCUÇÕES NO EXÍLIO: URUGUAI E BRASIL*

Haydée Ribeiro Coelho

As interlocuções, nesse texto, têm como eixo central a presença de Darcy Ribeiro no Uruguai, logo depois do golpe militar de 1964, abordando o diálogo intelectual e crítico que o antropólogo brasileiro manteve com Ángel Rama em terras uruguaias e em outras plagas.

Em terras uruguaias

Como Darcy Ribeiro chega ao Uruguai?

Como todo exilado, faz uma viagem compulsória para ser salvo da perseguição, do cárcere ou da morte.¹ Sai do Rio Grande do Sul, em um pequeno avião, junto com um secretário. O avião seguiria para Buenos Aires. No entanto, por algum problema, aterrissa em Salto, departamento situado a 500 quilômetros de Montevidéu. A notícia sobre a presença de uma pessoa importante no lugar espalha-se e o antropólogo brasileiro é procurado pelo representante político do departamento e pelo chefe de polícia que lhe perguntam o que pretendia ali. Com um raciocínio rápido, Darcy Ribeiro lhes disse que vinha pedir asilo no Uruguai.

O ex-chefe da Casa Civil do Presidente João Goulart, deposto, vai para Montevidéu e entra em contato com a família de Mário Cassinoni, seu amigo e reitor da Universidad de la República del Uruguay. Naquele momento, Cassinoni estava muito doente, com um câncer já muito avançado, e não pode recebê-lo. Em seu lugar, Domingo Carlevaro (naquela época, estudante de Direito, delegado estudantil na Comissão de Assuntos Universitários) e Luis Carlos Benvenuto (Secretário da Comissão de Cultura da Universidade) vão ao encontro de Darcy.

Essa história, depreendida do depoimento do senhor Domingo Carlevaro,² hoje Diretor Geral de Relações e Cooperação da Universidad de la República, evidencia que Darcy Ribeiro se exila no Uruguai por casualidade. Acrescento que foi uma casualidade feliz, porque ali plantou uma grande floresta, com muitas árvores de onde surgiram outras folhas, outros ramos, outros

¹ AINSA, Fernando. *La reconstrucción de la utopía*. México: Correo de la UNESCO, 1999. p. 83. Segundo o autor, “el exilado no tiene otra alternativa que asilarse en el país que lo acoge para salvarse de la persecución, de la cárcel o de la muerte”.

² Baseio-me em entrevista que o Senhor Domingo Carlevaro me concedeu nos dias 12 e 13 de julho de 2002, em Montevidéu.

frutos, outras coisas,³ todos cultivados com profundos laços de amizade, como pude constatar nas entrevistas que tive a felicidade de realizar, no Uruguai, durante o desenvolvimento de minha pesquisa, contando com uma bolsa da CAPES e o auxílio inestimável de Hugo Achugar e Pablo Rocca.

A vida intelectual de Darcy Ribeiro no exílio é muito intensa. Depois dos quatro anos de seu contrato na Universidad de la República, envia uma carta ao professor Arturo Ardao, então decano da Faculdade de Ciencias y Humanidades, expondo suas atividades desenvolvidas na instituição uruguaia durante o período em que aí permaneceu. Na correspondência, datada de 10 de junho de 1968, o antropólogo evidencia que realizou vários seminários, tais como: A cultura da pobreza, A posição social da mulher, Ethos uruguaio e O processo de socialização.

Em 1967, o antropólogo e educador organizou um grande seminário (Seminário sobre Estruturas Universitárias), envolvendo os diversos representantes de diferentes áreas de conhecimento da Universidade, com a colaboração de 14 professores e 30 participantes, incluindo Ángel Rama como representante do campo das Letras. Desse Seminário resulta uma publicação em dois tomos, intitulada *La estructura de la Universidad a la hora del cambio*.⁴ O seminário enfocava o problema do ensino e da pesquisa nos vários campos do saber.

Para analisar a situação do ensino da literatura na Universidad de la República, o crítico uruguaio faz um histórico do ensino da literatura, situando as Letras no âmbito da América Latina e o ensino da Literatura no contexto da sociedade. No campo prático, expõe as carências existentes, constatando a estrutura rígida das cátedras. Propõe, então, cursos que possibilitassem o estudo da literatura de forma interdisciplinar e comparativa, já implementado inclusive em algumas universidades latino-americanas.

Pensando na formação dos campos de trabalhos dos Institutos de Letras, expõe quatro deles: a docência e a pesquisa superiores acompanhariam os institutos desenvolvidos de universidades estrangeiras; porém adequadas às necessidades nacionais e regionais; fomento à criatividade literária; a formação da consciência artística e ideológica das equipes universitárias, no sentido de romper com uma compartimentação dos conhecimentos, fazendo com que o

³ A imagem da floresta foi utilizada pelo antropólogo Renzo Pi Hugarte para se referir à produção antropológica incessante de Darcy Ribeiro durante o exílio no Uruguai. Cf. Entrevista inédita de Renzo Pi Hugarte, concedida a mim em Montevidéu, 21 de maio de 2002.

⁴ SCHAEFFER, Juan Jorge et al. *La estructura de la Universidad a la hora del cambio*. Montevideo: Universidad de la República, 29 dic. 1969. (Tomo 1) e LARRAUD, Rufino et al. *La estructura de la Universidad a la hora del cambio*. Montevideo: Universidad de la República, 29 dic. 1969 (Tomo 2).

indivíduo se reconhecesse como “parte de una sociedad y de su voluntad de realización”;⁵ necessidade de um organismo central, destinado à divulgação da produção intelectual. Cita, como exemplos de centros editoriais, o “Fondo de Cultura Económica” e a “Editorial Universitaria de Buenos Aires.”

Ángel Rama participa de outro seminário dirigido por Darcy Ribeiro. Trata-se do Seminário de Política Cultural Autônoma para a América Latina. A respeito desse evento, realizei um estudo ainda inédito, evidenciando como as questões, relativas ao papel do intelectual e ao tema do desenvolvimento, estão presentes em vários artigos de Ángel Rama, publicados no semanário *Marcha*, tais como: “Por una cultura militante”, “El amo y el servidor” e “Las condiciones del diálogo”, contextualizando, de certa maneira, tanto os escritos de Darcy Ribeiro, relativos à política de desenvolvimento autônomo da Universidade latino-americana, quanto às proposições sobre política cultural autônoma para a América Latina, realizadas por Ángel Rama, Washington Buño e Rafael Laguardia.⁶

Esses críticos tomavam como ponto de partida uma reflexão sobre o expansionismo americano que propicia una dependência mimética, provocando *un desarrollo irregular que puede llegar hasta la deformación monstruosa de la economía latinoamericana, de los campos de investigación, de la información y de las manifestaciones del arte.*⁷

No conjunto das atividades de pesquisa, realizadas por Darcy Ribeiro, ainda na Universidade, destaca-se a elaboração de muitos dos seus livros antropológicos como: *O processo civilizatório*, *As Américas e a civilização*, *O desafio latino americano* e *Os índios e a civilização*.

Além de sua atuação na universidade e simultânea a ela, o antropólogo brasileiro participa de muitas publicações como o semanário *Marcha*, *Cuadernos de Marcha* e *Enciclopedia Uruguay*, por meio das quais se observa também o diálogo intelectual com Ángel Rama. *Marcha* é um semanário fundado por Carlos Quijano em 1939. Conforme Pablo Rocca,⁸ seus

⁵ RAMA, Ángel. Letras. In: *La estructura de la Universidad a la hora del cambio*. Montevideo: Universidad de la República, 29 dic. 1969 (Tomo 2). p. 154.

⁶ RAMA, Ángel et al. Seminario sobre política cultural autónoma para América Latina. Propositiones sobre política cultural autónoma de América Latina. Montevideo, 26-30 mar. 1968. p. 1-10.

⁷ Idem, *ibidem*.

⁸ ROCCA, Pablo. *Marcha*, las revistas y las paginas literarias (1939-1964). In: *Historia de la literatura uruguaya contemporánea*. Montevideo, Banda Oriental, 1997, p. 17, tomo 1. A propósito de *Marcha*, veja também o livro ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha*. Crítica y Literatura en *Marcha* y en el Uruguay (1939-1974).

preceitos foram mantidos desde sua fundação, tais como: nacionalismo latino-americano, antiimperialismo, socialismo com notas liberais e antimilitarismo.

A presença de Darcy Ribeiro, de forma inaugural, em *Marcha*, acontece exatamente em uma entrevista que o antropólogo brasileiro concede a Ángel Rama. Analisando esse texto fica claro que Darcy vai, através da nomeação de vários intelectuais brasileiros, acenando para Ángel Rama um leque interpretativo da cultura, oferecido pela nova geração brasileira, composta por Sergio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Luís Costa Pinto, Victor Leal, Antonio Candido, Heron Alencar e Helcio Martins. Gilberto Freyre também aparece nessa constelação, mas como pai de sua geração, “lo odian, esforzándose por vencerlo.”⁹ Essa entrevista e os desdobramentos teóricos nos escritos dos dois intelectuais são outros tantos ramos para considerações posteriores.

Também em *Marcha*, o antropólogo brasileiro publica cinco artigos sobre a universidade latino-americana, antecipando, dessa forma, o livro que viria a ser publicado no Brasil com o título de *A universidade necessária*.

Em *Cuadernos de Marcha*, Darcy Ribeiro participa do número dedicado ao gaúcho e à literatura gauchesca. Enquanto o antropólogo escreve sobre as matrizes culturais rioplatenses, texto que integra as *Américas e a Civilização*, Ángel Rama, na mesma publicação, trata da literatura dos vencidos.

Além de elaborar o plano da *Enciclopedia uruguaya*, junto com Ángel Rama, o antropólogo escreve o terceiro fascículo dessa publicação, cujo tema é “La España de la Conquista”. Esse texto, incorporado às *Américas e a civilização*, sob a perspectiva da memória, esclarece como o antropólogo ia construindo sua teoria cultural no exílio. Ressalto que o fascículo da *Enciclopedia* foi publicado em junho de 1968 e a primeira edição de *As Américas e a Civilização* apareceu em 1969, em três volumes editados na Argentina.

Alguns aspectos sobre a *Enciclopedia Uruguaya*, no contexto do discurso crítico, podem ser compreendidos com base no texto “Apuntes para una historia de la critica uruguaya” (1968 y 1988), em que Hugo Achugar mostra a atuação dos integrantes da geração crítica ou geração de 45, em duas ações editoriais “de especial transcendencia en la vida cultural del país: una historia literaria conocida como *Capítulo Oriental* y una *Enciclopedia Uruguaya*, ambas en fascículos y

⁹ RIBEIRO, Darcy. Una generación brasileña. Entrevista concedida a Ángel Rama. *Marcha*, Montevideo, 29 may. 1964. p.31.

de distribución masiva”.¹⁰ A partir de suas observações, quero destacar também o fato de essas publicações apresentarem um rigor crítico e intelectual, abrirem a cultura uruguaia para o universal e, ao mesmo tempo, refletirem sobre a vida nacional.

O exílio nosso de cada dia

Ángel Rama estava na Venezuela, desde 1972, para ministrar um Curso na Escola de Letras da Universidade Central, quando foi surpreendido pelo golpe militar, não podendo regressar ao Uruguai. Em terras venezuelanas, recebe a delegação latino-americana, para idealizar a Biblioteca Ayacucho. Estavam aí, como convidados, Darcy Ribeiro, Sergio Buarque de Holanda, Leopoldo Zea, Arturo Ardao e Roberto Fernández Retamar.¹¹

Tendo em vista a escalada ditatorial, vivida na América Latina (naquele tempo, com exceção da Venezuela, Colômbia e México), a Biblioteca Ayacucho foi, segundo Noé Jitrik “una de las tentativas de crear algo que implicara una reunión latinoamericanista entre el mundo de la cultura”.¹² Nesse sentido, torna-se possível dizer que a Biblioteca Ayacucho derrubou as fronteiras políticas, mantendo a cultura latino-americana como referência intelectual.

O fechamento das fronteiras políticas, paradoxalmente, contribuiu para um debate teórico-crítico mais intenso entre os intelectuais latino-americanos. A discussão do regionalismo, por exemplo, no contexto da América Latina e da transculturação, aparece em *Transculturación narrativa en América Latina*, em que o crítico uruguaio menciona, dentre outros textos, *As Américas e a civilização*, de Darcy Ribeiro, para evidenciar o relacionamento entre a unidade e a diversidade latino-americanas.

É importante acentuar que as perspectivas teóricas, que enfatizavam o regional e o nacional nos seminários da Universidad de la República, permanecem em *As Américas e a civilização*, *Transculturación narrativa en América Latina* e em *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. Nesses textos, a mestiçagem para Darcy Ribeiro e a transculturação para Ángel Rama constituem, respectivamente, categorias teóricas importantes para o entendimento da cultura brasileira e da literatura latino-americana.

¹⁰ ACHUGAR, Hugo. Apuntes para una historia de la crítica uruguaya. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n. 5, p. 59, jun. 1990.

¹¹ Cf. RAMA, Ángel. *Diário 1974-1983*. Prólogo, edición y notas de Rosario Peyron. Montevideo: Trilce, 2001. p. 36.

¹² Cf. Entrevista do Prof. Noé Jitrik que me foi concedida em Montevideu, 28 mai. 2002.

Em uma carta de Darcy Ribeiro a Ángel Rama, datada de 31 de março de 1981, o amigo brasileiro trata o crítico uruguaio de “Angelito”. Essa forma de estabelecer um diálogo com o amigo constitui expressão de afeto, de proximidade e, também quebra com a formalidade.

O então antropólogo brasileiro, naquele momento, autor de *Maíra*, há pelo menos quatro anos, diz o seguinte:

Qualquer dia convido você aqui demonstrar que a literatura nos espelha melhor que a ciência. Podíamos passar muito bem obrigado sem todo os sociopoliticólogos que engendramos, mas não podemos dispensar meia dúzia de literatos. Digo isso como autor de *Maíra*?¹³

O trecho destacado abre outros caminhos como aquele sobre a escolha e a aprendizagem literárias dos dois intelectuais. A seleção e a apresentação de *Primeiros cuentos de diez maestros latinoamericanos* por Ángel Rama sinalizaria para possíveis confluências de leitura. Em relação à literatura brasileira, Ángel Rama seleciona um conto de Guimarães Rosa e outro de Mario de Andrade.

No poema “Fagulhas da memória”, de Darcy Ribeiro, o poeta recolhe, de forma dispersa, o que já foi, para não esquecer, para não morrer. O poeta tem pressa, pois o “tempo transcorre em mim”. Nesse texto, enunciado e enunciação chegam a confundir-se. É preciso não esquecer Rosa: “Eu de olhos pregados em *Grande sertão: veredas*”.¹⁴ Em *Migo*, o personagem Ageu/alter ego de Darcy diz que Mario de Andrade é o “herói totêmico de todos nós”.¹⁵ Além disso, Darcy Ribeiro escreveu o Prólogo de *Macunaíma* para a edição crítica preparada por Telê Ancona Lopez.

Esses aspectos, aqui esboçados, mostram como o exílio vai formando uma rede intelectual, lançando fios que vão construindo outras redes infinitas de busca e de aproximações.

Lições do exílio

Em *Confissões de Darcy*, o escritor enfoca seu exílio no Uruguai. No entanto, relendo hoje esse texto, vejo como o antropólogo, desejoso de ser o “imperador do Brasil”, não foi capaz de propiciar ao leitor uma visão mais profunda e complexa de sua vida no Uruguai. Além disso, seu texto trata muito pouco de *Marcha*, considerando que esse semanário constituiu, conforme

¹³ Carta de Darcy Ribeiro a Ángel Rama datada de 31 de março de 1981.

¹⁴ RIBEIRO, Darcy. *Eros e Thanatos*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1998. p. 15.

¹⁵ RIBEIRO, Darcy. *Migo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. p. 17.

mostrei em outro texto, um arquivo da memória dos exilados brasileiros no Uruguai. Acrescente-se, ainda, o fato de o periódico exercer um papel integrador na América Latina, tornando o Uruguai, nos anos 60, um pólo irradiador de saber, que vai agregar diferentes intelectuais da América Latina.

Deodato Rivera, em seus poemas, transcritos em *Memórias do exílio*, traduz essa experiência do exílio por meio de imagens negativas: “vida que parou no calvário”, “barco à deriva ansiando âncoras”, “árvore carpindo raízes”, “relógio de tempo morto”, “semente lançada em pedra”.¹⁶ É claro que há exílios e exílios.

No caso de Darcy Ribeiro e de tantos outros intelectuais como Ángel Rama, o exílio não pode ser representado pela figura do desterrado/coitado que purga em terras estrangeiras um destino errante, sempre em busca de uma identidade perdida, muitas vezes, vivenciando uma identidade híbrida.

No Uruguai, Darcy Ribeiro trabalhou, produziu, manifestou em ação seu desejo de construir uma nova ordem no âmbito universitário, tomou consciência de ser latino-americano, buscou uma dicção própria, alargando fronteiras culturais, sem o abandono de uma postura política e crítica necessária ao entendimento de nossa existência no mundo.

O exílio de Darcy Ribeiro e de tantos outros intelectuais como Ángel Rama apresenta uma outra face que precisa urgentemente ser estudada pela literatura e incorporada à História cultural latino-americana. Sob essa perspectiva, a inclusão do exílio, no âmbito da reflexão da literatura comparada, é uma tarefa urgente para todos nós.

À luz do presente, em que o discurso da globalização insiste em dizer que as fronteiras não existem, as lições do exílio estão aí para dizer que as fronteiras políticas são reais, que o corpo do exilado é real e sua história construída em outros lugares também é real. Essa tarefa incessante de escrever e reescrever impulsionou a vida de muitos exilados brasileiros, uruguaios e/ou exilados em toda parte.

O exílio construiu uma vida em rede, trabalho em rede, associação permanente contra as arbitrariedades sócio-político-econômicas naquele tempo e no nosso. Olhando para trás, para meu passado, creio que as lições do exílio precisam ser revisitadas nesse caudal de destruição e de caos em que a utopia parece não ter mais lugar.

¹⁶ CAVALCÂNTI, Pedro Celso Uchôa, RAMOS, Jovelino (Org.). *Memórias do exílio*. Brasil: 1964-19?? de muitos caminhos. Lisboa: Arcádia, 1976.